

PRODUÇÃO EDITORIAL FEMINISTA NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Cecília Fernandes de Castro¹

Patrícia Lessa²

Resumo: O projeto de extensão *Produção editorial feminista: teorias, técnicas e métodos na criação de livros escritos por mulheres* foi criado com a intenção de abrir um espaço de interlocução entre a comunidade acadêmica, a Editora Luas e as autoras independentes. O campo da epistemologia feminista questionou o local das mulheres no discurso social denunciando a invisibilidade de suas vozes na produção do conhecimento. Com este marcador conceitual criamos uma parceria com a Editora Luas. Dentre os objetivos do projeto, destacamos: avaliação de livros originais; correção de textos originais; criação de arte para capas e ilustrações; participação do processo editorial para publicação de obras, dentre outros. Ao final dos três anos, identificamos que muitas atividades para além do previsto aconteceram, tais como a criação da coluna Pachamama, disponibilizada no site da editora, e da banca Maria Lacerda livros & artes. A banca contou com a participação de escritoras e artistas independentes e a ampliação do campo de atuação quando nos inserimos no projeto guarda-chuva de economia solidária da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Dentre os resultados, destacamos a produção de artigos sobre a produção editorial e a escrita de autoria feminina; lives; entrevistas com pesquisadoras da área; o enriquecimento curricular das estudantes que integraram o projeto; e a recepção da banca Maria Lacerda livros & artes na cidade de Maringá e região.

Palavras-chave: edição feminista; autoras independentes; livros; feminismos

Feminist editorial production in university extension

Abstract: The extension project Feminist editorial production: theories, techniques and methods in the creation of books written by women was created with the intention of opening a space for dialogue between the academic community, the Luas publisher and independent authors. The field of feminist epistemology questioned the place of women in social discourse, denouncing the invisibility of their voices in the production of knowledge. With this conceptual marker we created a partnership with the publisher Luas. Among the objectives of the project we highlight: evaluation of original books; correction of original texts; creation of art for covers and illustrations; participation in the editorial process for publishing works, among others. At the end of the three years, we identified that many activities beyond what was

¹ Fundadora e diretora editorial da Editora Luas, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG na linha IV – Edição, Linguagem e Tecnologia. E-mail: ceciliacastrorevisoes@gmail.com.

² Universidade Estadual de Maringá. Maringá, Paraná, Brasil. E-mail patriacialessa13@gmail.com, site <https://patriacialessa.com.br/>.

planned took place, such as the creation of the Pachamama column made available on the website of the Luas publishing house and the Maria Lacerda books & arts newsstand, etc. The panel included the participation of independent writers and artists and the expansion of the field of action when we were part of the solidarity economy umbrella project at the State University of Maringá (UEM). Among the results, we highlight the production of articles on editorial production, on writing by women, lives, interviews with researchers in the area and, above all, the curricular enrichment of the students who were part of the project and the reception of the Maria Lacerda books & arts stand in the city of Maringá and region.

Keywords: feminist edition; independent authors; books; feminisms

Introdução

O projeto de extensão *Produção editorial feminista: teorias, técnicas e métodos na criação de livros escritos por mulheres* foi criado com a intenção de abrir um espaço de interlocução entre a comunidade acadêmica, as editoras e as autoras independentes. O campo da epistemologia feminista questionou o local das mulheres no discurso social denunciando a invisibilidade de suas vozes na produção do conhecimento. Com este marcador conceitual, criamos uma parceria, inicialmente, com a Editora Luas – cujo projeto editorial é declaradamente feminista –, posteriormente com autoras independentes.

Dentre os objetivos do projeto, destacamos: ler e avaliar originais enviados para a editora; participar do processo editorial para publicação de obras escritas (revisão de prova; criação de arte para capas e ilustrações); elaborar materiais de divulgação dos livros; elaborar textos de divulgação das obras; participar de lives e eventos presenciais – acadêmicos, feiras de livros e lançamentos de livros.

Nossa base conceitual foram as teorias feministas que abordam os mecanismos de assujeitamento das mulheres às normas sociais, que em suas práticas e teorias propositivas dissolvem as fronteiras epistemológicas dos paradigmas dominantes por intermédio da força contestatória e de sua expressão de criatividade. Conforme afirma Margareth Rago,

O feminismo não apenas tem produzido uma crítica contundente ao modo dominante de produção do conhecimento científico, como também propõe um modo alternativo de operação e articulação nesta esfera. Além disso, se consideramos que as mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina, ao menos até o presente, uma experiência que várias já classificaram

como das margens, da construção miúda, da gestão do detalhe, que se expressa na busca de uma nova linguagem, ou na produção de um contradiscurso, é inegável que uma profunda mutação vem-se processando também na produção do conhecimento científico (Rago, p. 3).

Diante dessa perspectiva, pensamos e executamos o projeto, bem como trouxemos algumas reflexões a respeito da *práxis* feminista no campo editorial e na extensão universitária.

Produção de livros escritos por mulheres

A partir, marcadamente, de 1970, com os estudos feministas, as mulheres vêm fazendo um importante trabalho político e social de resgatar a participação feminina na história, questionando os discursos, construindo outros modos de olhar e questionando os valores e perspectivas usados para negar, invisibilizar, excluir as experiências das mulheres até aqui. Por isso, muitas pesquisadoras da história do livro, da escrita, da leitura, da cultura e afins têm voltado no tempo e, mesmo com dificuldades metodológicas, como aponta Ana Elisa Ribeiro (2020)³, provocando novos olhares sobre a atuação das mulheres.

Pensar todo esse contexto complexo e ainda a realidade das mulheres no decorrer da história nos coloca em uma missão de tentar, como aponta Plebani (2022, pg. 27), uma genealogia feminina – empreitada que tem sido feita por mulheres de todas as áreas do conhecimento. Em relação às práticas de leitura e escrita, sabendo-se tão importante numa sociedade em que já estavam consolidadas na estrutura de poder – mas não só, também para a construção de subjetividade, culturais, artísticas etc. –, esse tema desde muito cedo foi principal nos discursos individuais, a princípio, e coletivo, com o tempo, de muitas mulheres em locais e tempos diversos. Aprender a ler e a escrever significava uma questão de cidadania, portanto todas as pessoas precisam ter acesso – reivindicação pública de mulheres oitocentistas, observadas nos escritos das poucas que tiveram a audácia e criaram oportunidades de escrever (Duarte, 2003).

³ Em seu ensaio *Subnarradas: mulheres que editam*, Ribeiro descreve as dificuldades encontradas ao pesquisar nomes e trajetórias de editoras. Ela diz: “As questões metodológicas também coincidem em toda parte: é preciso lidar com a ausência ou o silêncio dos documentos; escavar arquivos e acervos; ler a correspondência alheia a ver se falam de umas e outras; entrevistar pessoas, muitas vezes as próprias editoras” (Ribeiro, 2020, p. 45).

A partir daí, ao longo de décadas, as situações das mulheres, considerando seus contextos diversos que envolvem principalmente raça e classe, foram mudando. Inicialmente, foi autorizada, no Brasil, em 1827, a criação de escolas para meninas (Duarte, 2003), mas pouquíssimas tinham acesso, até chegarmos nos dias de hoje, em que a escola é obrigatória para todas as crianças, independente do sexo, classe e raça, e a mulher tem mais oportunidade de entrar para a universidade. Todo esse processo, claro, durou centenas de anos, num movimento, assim como de qualquer direito popular, de avanços e retrogradações, à medida que ocorriam mudanças políticas e econômicas.

A partir de 1970, com o aumento gradativo da presença das mulheres nas universidades, o desenvolvimento dos estudos feministas e novas perspectivas epistemológicas, aumenta-se também o interesse das mulheres por reconstruir sua história, por resgatar obras de antecessoras, por escrever e publicar textos escritos por mulheres. Com isso, naturalmente, aumenta-se também a produção editorial voltada para este público leitor e escritor.

A produção editorial que dê voz às mulheres é um trabalho fundamental para viabilizar as ações e tornar viável a aparição das conquistas e lutas das mulheres nas várias frentes, sobretudo na produção do conhecimento, que hoje multiplicou graças a diversas experiências das mulheres no mundo em suas diferentes demandas e áreas de atuação. A história da luta pela palavra começou a movimentar o mundo editorial impulsionando as mulheres a criarem seus próprios livros e contar a sua própria história. Deste modo, houve um impulso “no calor dos movimentos feministas das décadas de 1960 e 1970 nasceu a primeira editora europeia dedicada à produção de livros de autoria feminina. A *Éditions Des Femmes* foi fundada em 1973 por Antoinette Fouque” (Bergo; Lessa, 2023). Desde então, na área da produção editorial, nota-se uma crescente aparição de editoras que publicam exclusivamente mulheres (Ribeiro, 2023).

No Brasil, na década de 1990, tivemos importantes nomes na área editorial: Rose Marie Muraro (editora Rosa dos Tempos) e Zahidé Muzart (Editora Mulheres), cujos projetos editoriais reforçaram o protagonismo das mulheres, trazendo publicações de textos literários e teóricos de autoras consagradas e iniciantes – no caso da Editora Mulheres também reedição de importantes obras de autoras do

século 19 e 20 –, modificando assim o cenário de pouca publicação de livros escritos por mulheres, principalmente com temáticas feministas.

No Brasil, o aumento de editoras fundadas por mulheres atinge seu ápice a partir de 2010. Isso pode ser explicado diante da necessidade de publicar temas sob a perspectiva feminista, ansiados principalmente pelas mulheres, para atualização do pensamento contemporâneo; de resgatar obras de autoras historicamente invisibilizadas; de promover o protagonismo feminino e diminuir as diferenças por questões de gênero, houve um aumento exponencial de publicadoras e editoras fundadas por mulheres, com projeto feminista. No livro *Mulheres que editam*, organizado por Cecília Castro, Ana Elisa Ribeiro e Samara Coutinho, há registro de mais de 100 editoras fundadas e geridas por mulheres, ou seja, elas, entre outras coisas, que pensam e decidem os livros que serão publicados, não ficando apenas nos trabalhos de bastidores, que foi durante muito tempo a realidade das profissionais da edição.

É surpreendente, e ao mesmo tempo empolgante, ver a quantidade cada vez maior de projetos editoriais pensados e coordenados por mulheres, isso porque, como apontam Maria do Rosário A. Pereira e Renata Moreira no prefácio do livro *Mulheres que editam*,

[...] é capaz de demarcar a participação feminina no cenário editorial, não mais em funções invisíveis, “de bastidores”, mas à frente dos processos, trazendo uma contribuição intelectual relevante na seleção das obras que integrarão os catálogos, por exemplo, para além do gerenciamento dos processos produtivos (Castro; Ribeiro; Coutinho, 2023, p. 13).

A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* – cuja edição publicada em setembro de 2020, sob a coordenação do Instituto Pró-Livro, está disponibilizada gratuitamente na internet – ajuda a compreender a necessidade de editoras com perspectiva feminista. A pesquisa objetivou avaliar o comportamento e os hábitos de leitura da população brasileira por meio de registros estatísticos. Em sua última edição, os dados são preocupantes para as mulheres, tendo em vista que são as que leem mais, porém, são menos lidas. Dentre as principais obras lidas, a maioria é de autoria masculina. Reflexo da obliteração da escrita das mulheres. Com vistas a minimizar os danos causados pelo apagamento das escritoras e de suas obras é

que ao redor do mundo as editoras protagonizadas por mulheres, feministas declaradas ou não, publicam livros de autoria feminina. Eis uma política feminista para salvaguardar as nossas vozes.

Para Constância Lima Duarte:

O feminismo poderia ser compreendido em um sentido mais amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo. Somente então será possível valorizar os momentos iniciais desta luta – contra os preconceitos mais primários e arraigados – e considerar aquelas mulheres, que se expuseram a incompreensão e a crítica (Duarte, 2003, p.156).

Nessa perspectiva, de modo geral, tem tido um aumento de editoras criadas por mulheres que buscam contemplar as áreas tocantes à condição das mulheres: sexualidade, maternidade, emancipação e resgate de pensamento de mulheres que historicamente se encontram em processo de invisibilidade e inferiorização intelectual (Duarte, 2023), além de publicar literatura de autoria feminina. Muitas editoras constroem um catálogo exclusivamente escrito por mulheres, outras preocupam que elas estejam ao menos em maioria, como forma de tentar equilibrar a discrepância no fato de termos muito mais homens publicados. Assim, é preciso que façamos um exercício de reflexão acerca do apagamento da participação, social, moral e sexual da mulher, que é desde sua infância internalizada que seu sucesso está intimamente atrelado ao líder masculino (Castro *et al.*, 2023).

Sobre isso, mobilizaremos o termo utilizado por Michelle Perrot que trata o corpo feminino como um *corpo subjugado*, por defender que “a gama de violências exercidas sobre as mulheres é ao mesmo tempo variada e repetitiva” (Perrot, 2019, p. 76). As mulheres tiveram suas histórias e vozes inviabilizadas, esfaceladas e deslegitimadas por um processo histórico que conferiu ao corpo feminino o lugar de inferioridade e resignação, cabendo apenas a elas obediência e servidão não apenas ao homem, mas a toda sociedade, responsável por moldar o modelo de feminilidade que tensionava a condição de escrava condicionada à mulher. E diante desse contexto, a experiência e voz das mulheres eram rechaçadas, diminuídas ou mesmo silenciadas.

Por outro lado, ainda que o contexto fosse extremamente hostil, diversas mulheres usaram de suas palavras e da sua vida como armas para a subversão de um sistema desigual que as tratava como uma pária social que deveria, a qualquer custo, ser acorrentada, domesticada e silenciada. Nesse sentido, nasce geração de mulheres, muitas das quais somos desconhecedoras de seus nomes, que enfrentaram o sistema em prol da construção dialógica da emancipação feminina. Dentro desse contexto, também a produção editorial feminista está construindo um caminho muito rico para dar voz e realizar trocas entre as mulheres através de suas produções escritas.

O projeto – idealização e concretização

Diante de um contexto social e cultural ainda desafiador para as mulheres, em que autoras são menos publicadas do que autores, pensar e executar um projeto de extensão no qual fosse possível experiências de troca de saberes – acadêmicos e de prática editorial – e concretizar publicação de autoras nos pareceu não só importante como necessário. Isso porque, além de proporcionar experiência de produção editorial para acadêmicas e produção/troca de conhecimento, tanto elas quanto a comunidade externa viram ali possibilidades concretas de realizações em torno da criação e produção cultural e intelectual de mulheres. Afinal, a editora Luas é uma editora independente, de pequeno porte – equipe principal formada por duas pessoas –, fundada por uma mulher trabalhadora assalariada com formação acadêmica em Letras.

O projeto teve participação de 10 estudantes de variados cursos (Letras, Filosofia, História, Artes, Comunicação) e contemplou encontros virtuais para discussão de textos feministas e da área editorial (pensando na importância da discussão crítica e teórica feminista); apresentação do funcionamento interno de uma editora; orientação das participantes para a produção do livro – encontros sobre revisão de textos e diagramação/projeto gráfico –; além de produção acadêmica a partir dessa experiência. A partir da agenda de trabalho da Editora Luas, as participantes definiram suas atuações nos seguintes segmentos: produção editorial, divulgação, elaboração de textos para site, entrevistas, participação em lives e/ou feiras de livros.

Dentro do contexto de uma editora de pequeno porte – no caso da Luas com uma equipe fixa de duas pessoas –, também foi possível que as participantes tivessem uma noção geral do funcionamento interno de uma editora, inclusive dos aspectos administrativos – contratos, financeiro, comercial etc. Esse é um processo interessante principalmente para desmistificar a crença de que fundar e gerir uma editora é algo para poucos, e menos ainda para mulheres.

Outro aspecto interessante nesse processo é a aproximação de acadêmicas e escritoras com a sociedade civil, potencializando assim encontros fortalecedores e incentivadores para escrita e publicação de mulheres. Afinal, muitas mulheres escrevem ou têm vontade de escrever textos literários e/ou teóricos, mas não se acham capazes. A receptividade do público, por exemplo, ao ter contato com a banca nas feiras, era efusiva e empolgante, pois que era reconhecida a importância da produção e divulgação de livros escritos e produzidos por mulheres.

Assim como em seu precioso ensaio epistolar, Gloria Anzaldúa (2021, p. 58) convoca mulheres para escrever afirmando que “a mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida”, uma editora que publica exclusivamente mulheres e tem um projeto editorial político feminista, como é o caso da Editora Luas, volta-se também para a promoção da autonomia de mulheres interessadas na produção editorial, fazendo da edição uma *práxis* feminista.

Considerações finais

Ao final dos três anos, identificamos que muitas atividades em nosso projeto de extensão foram realizadas além do previsto, tais como criação da Coluna Pachamama, disponibilizada no site da Editora Luas, e da banca Maria Lacerda livros & artes. A banca contou com a participação de escritoras e artistas independentes e a ampliação do campo de atuação quando nos inserimos no projeto guarda-chuva de Economia Solidária da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Dentre os resultados, destacamos a produção de artigos sobre a produção editorial, sobre a escrita de autoria feminina; lives; entrevistas com pesquisadoras da área; o enriquecimento curricular das estudantes que integraram o projeto; e a recepção da banca Maria Lacerda livros & artes na cidade de Maringá e região.

Dentre os resultados alcançados, podemos listar a participação das acadêmicas na elaboração das artes da capa de livros lançados em 2022; a participação da coordenação do projeto e das acadêmicas em lives promovidas pela Editora Luas e publicadas no seu canal do *YouTube*; a participação da equipe em Feiras de Livros e de Economia Solidária, com destaque para a Feira de Economia Solidária da UEM; a manutenção dos textos da Coluna Pachamama no blog da Editora Luas, no qual são publicadas matérias mensais referentes ao tema editoração e feminismos; a manutenção da banca de livros que agrega trabalhos de editoras, escritoras e artistas independentes.

Os resultados foram para além do esperado. Conseguimos ingressar em várias feiras locais, trazendo luz para a produção de livros e, em consequência, o diálogo direto entre o público de leitoras e leitores e as escritoras, artistas que trabalham com produção de livros, com as editoras independentes e comunidade acadêmica, fazendo o conhecimento circular, renovar as ideias, trocar experiências, compartilhar saberes e integrar o projeto de extensão dentro do projeto de economia solidária da Incubadora de Projetos Sociais da UEM. O fortalecimento das escritoras, das artistas que trabalham com produção de livros e das editoras independentes é favorecido com a participação e contato com a equipe acadêmica; e, como contrapartida, as autoras e editoras trazem para o seio da universidade as suas mais novas produções editoriais que, de outro modo, dificilmente chegariam até nós em função do difícil acesso e da pouca circulação comercial; além da união entre universidade, escritoras e editoras independentes, intensificando a economia solidária na produção de livros escritos e produzidos por mulheres.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. **A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios**. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021.

BERGO, Kênia Brito; LESSA, Patrícia. Como nascem os livros feministas? **Anais SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL**, VIII. Universidade Estadual de Maringá, 26-28/04/2023. Disponível em: <https://d7b16ee4-1c69-4a22-ae47->

4bc25812a060.filesusr.com/ugd/f33e7d_b28f3aafc8e141cb9d92be0bba219a7c.pdf.

Acesso em: 20 jul. 2023.

CASTRO, Cecília; RIBEIRO, Ana Elisa; COUTINHO, Samara (org.). **Mulheres que editam**. Belo Horizonte: Entretantas, 2023.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil**: século XX. Dicionário ilustrado, v. 2. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

PEREIRA, Maria do Rosário A; LUCHESI, Luana. Editora Rosa dos Tempos e Editora Mulheres: pioneirismo nas questões de gênero no mercado editorial brasileiro. **Vinco – Revista de Estudos da Edição**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.cefetmg.br/index.php/VINCO/article/view/1012/948>. Acesso em: 27 out. 2024.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. 2. ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto 2019, p.76.

PLATAFORMA PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 2020. Disponível em: <http://plataforma.prolivro.org.br/retratos.php>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PLEBANI, Tiziana. **El canon ignorado**: las escrituras de las mujeres em Europa – siglos XIII-XX. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ampersand, 2022.

RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, gênero e história**. [online, s/d]. Disponível em: http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia_feminista.pdf. Acesso em: 20 out. 2024.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Como nasce uma editora**. Belo Horizonte: Entretantas, 2023.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Subnarradas**: mulheres que editam. Copenhague; Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2020.